

## RESENHA

*José Carlos Piacente Júnior\**

VEITH, JR., Gene Edward. **O fascismo moderno**: a cosmovisão judeu-cristã ameaçada. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. 215pp. Original em inglês: *Modern Fascism*. Missouri: Concordia Publishing House, 1993.

Gene Edward Veith Jr. é um cristão de confissão luterana comprometido com as Escrituras, o cristianismo histórico e a espiritualidade transcendente (p. 14). Veith é autor de diversos livros, alguns já traduzidos e publicados no Brasil. No livro *O Fascismo Moderno*, ele discute a responsabilidade e a integridade cristãs em uma perspectiva avaliativa e crítica da cultura moderna, orientada segundo as Escrituras. Na atualidade, diversas ideologias têm eclodido e reivindicado seu lugar na mente e nas ações do ser humano, inclusive o fascismo. O fascismo está de volta, afirma o autor, e tem se mostrado um influente sistema de pensamento que, verdadeiramente, fomenta uma interpretação da realidade norteada por um caráter espiritual. Veith descortina que a retomada do fascismo reavivou a concepção de um indivíduo desumanizado, alienado, desprovido de direitos e de moral objetiva em favor da supremacia de uma nação ou raça; ou seja, tanto a percepção sobre o homem como o conceito cultural destoam das verdades das Escrituras.

O fascismo, pois, implica em “determinismo cultural, redução de todas as relações sociais com relação a questões de simples poder; a ideia de que a identidade de alguém é centrada na etnia ou na raça; a rejeição do conceito do indivíduo” (p. 12). Veith assevera que o fascismo moderno é um movimento social nacionalista de cunho racista que não pode ser ignorado; antes, exige uma confrontação cristã e bíblica. Esse sistema de ideias tem achado solo fértil na cultura popular, e também tem penetrado no meio acadêmico atual, amealhado

---

\* O autor é graduado em Filosofia e Teologia e Mestre em Filosofia pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper. É pastor auxiliar da Igreja Presbiteriana do Bairro Constantino, em Patrocínio-MG, e professor do Instituto Bíblico Eduardo Lane (IBEL).

adeptos e permeado o pensamento ocidental. O autor aponta as conexões entre fascismo, cultura e política de massa, bem como o vínculo entre a atividade acadêmica e o fascismo, sobretudo revelando sua afinidade com o liberalismo teológico, o existencialismo e os movimentos de vanguarda.

O texto é constituído de nove capítulos. O primeiro apresenta os subsídios ideológicos que compõem o fascismo e perfazem a luta religiosa anticristã e antitranscendental. Ao considerar o campo ideológico, Veith destaca sua relação original com o darwinismo, o romantismo e o existencialismo. O fascismo é muito mais do que um sistema político-econômico; na verdade, é um sistema de pensamento, de orientação naturalista e imanentista, que propõe o fim da alienação cultural e anela abarcar a totalidade da vida humana. Por ser um sistema de ideias, o fascismo não foi erradicado com a derrota de Mussolini e Hitler; antes, tornou-se uma herança intelectual ocidental, uma filosofia de vida.

O autor menciona diversos pensadores renomados do século 20 simpatizantes ou adeptos do fascismo, entre eles M. Heidegger, P. De Man, E. Pound, C. Jung, T. S. Eliot (antes de sua conversão ao cristianismo) e G. B. Shaw. Com efeito, afirma o autor, o fascismo se tornou o mais importante elemento da cultura e da intelectualidade do século 20. Aliás, a própria teologia desse século recebeu influência da filosofia oriunda do fascismo. Veith conclui que o fascismo, como uma nova visão da vida e da atividade intelectual e cultural, assumiu o caráter fundamental de um conjunto de crenças, ou seja: uma nova doutrina religiosa que, por sua essência, se opõe ao judaísmo e, concomitantemente, ao cristianismo.

Nos segundo capítulo, Veith discorre sobre os disfarces que resguardam o fascismo e obliteram sua real compreensão. Certos elementos impedem um reconhecimento de seus pressupostos na cultura e na intelectualidade ocidental. O homem ocidental mantém determinadas representações acerca do fascismo que dominam o seu imaginário. Deste modo, a falta de compreensão plena gera o reducionismo do fascismo à categoria de mero insulto e difamação, ou um símbolo de horror e abuso de poder. Nada obstante, em uma visão um pouco mais positiva, percebe-o como conservadorismo político, como um meio para debelar a alienação, uma forma de nacionalismo, um programa político e econômico, perdendo de vista a essência da ideologia fascista. De fato, enfatiza o autor, uma pessoa pode revelar virtudes e, ainda assim, ser ideologicamente um fascista. Não é possível, pois, descortinar a ideologia fascista quando a discussão permanece na superficialidade dos fatos.

No terceiro capítulo, Veith pondera sobre a postura antijudaica do fascismo. Nota-se que a animosidade do fascismo contra o judaísmo vai além do racismo e da ambição econômica. Os judeus eram odiados devido à sua confissão de fé no único Deus, nas Escrituras e, por conseguinte, na religião transcendente que sustenta a sua cosmovisão. Os fascistas não toleravam a cultura suscitada pela cosmovisão judaico-cristã, atrelada a verdades universais e

códigos morais transcendentais. Assim, aventaram a depuração do cristianismo de seus rudimentos judaicos, criando um cristianismo paganizado, imanente e cultural, junto com o reavivamento da antiga consciência mitológica e a espiritualidade holística.

Veith descreve, no capítulo quatro, a reação do cristianismo confessional à crença fascista. Mediante a tentativa de repaganizar o cristianismo, os cristãos comprometidos com o cristianismo transcendente assumiram uma posição de resistência. Tem início o embate entre sincretismo e confessionalismo, entre a autoridade das Escrituras e a politização e secularização da crença cristã. Nota-se, ainda, que a intenção do fascismo era usurpar o lugar da Igreja e, numa atitude audaciosa e desmedida, assumir o trono de Deus. Para tanto, recriaram a teologia. Nesse ponto, torna-se patente a relação entre a teologia liberal alemã e as crenças fascistas.

O quinto capítulo traz a lume a influência de Nietzsche na ascendência do fascismo. O fascismo surge da tradição intelectual filosófica. Com efeito, os grandes filósofos eram admirados, entre eles Nietzsche, que ofereceu um componente ideológico de suma importância. Ao professar a morte de Deus, Nietzsche refutou, peremptoriamente, a transcendência, tanto prática como teórica, e deu lugar ao super-homem de vontade livre. Nietzsche agiu como um antisemita, porém no campo das ideias, culpando a ética judaico-cristã de inspirar a negação da vida e favorecer o homem fraco. Em última análise, a filosofia de Nietzsche forneceu a estrutura conceitual para a justificação fascista sobre a liberdade da vontade de escolha, a rejeição da verdade objetiva e a superioridade da raça. No existencialismo, a vida não tem significado, visto que não admite moral e verdade objetivas; antes, o homem é o criador do seu próprio significado de vida. Heidegger, pois, engajado no nacional-socialismo, se apoderou da filosofia nietzschiana e propalou a inexistência de uma verdade transcendente objetiva, tornando o ato do conhecimento em um mero questionamento de absolutos. Enfim, o fascismo adotou o princípio existencialista de que a autoridade última encerra-se na vontade humana.

Veith apresenta, no capítulo seis, o condicionamento filosófico que anima a ética fascista. O autor expõe que a ética fascista é fruto da cosmovisão anticristã. Uma vez que interpretavam a vida através das lentes do existencialismo amoral de Nietzsche e sua liberdade da vontade, os conceitos de certo e errado foram desarraigados de princípios absolutos, de modo que a piedade, misericórdia, justiça e bondade cederam seu lugar à moral imanentista que visava tão-somente o bem-estar da coletividade. Sendo assim, a ética existencialista fascista emerge da genuína, consciente e responsável escolha humana. Tal postura ética foi diretamente responsável pelo extermínio da vida indigna de ser vivida; com efeito, fomentou o holocausto.

No capítulo sete, o autor preconiza a ligação entre o fascismo e os movimentos intelectuais e artísticos vanguardistas do século 20, sobretudo após a

Primeira Grande Guerra. Nessa ocasião, sentimentos de insatisfação, rebeldia e alienação reivindicavam uma renovação cultural que sobrepujasse a decadente civilização ocidental. Diante disto, o fascismo germinou como uma solução viável para promover o movimento reacionário modernista. É notório, pois, que as vanguardas artística e intelectual do início do século 20 ajudaram a estruturar o fascismo. Aliás, o fascismo criou a sua própria arte.

Veith analisa, no oitavo capítulo, a presença das ideias fascistas se imiscuindo nas ideologias pós-modernas, destacando as propostas relativistas no âmbito cultural e epistemológico e o desconstrutivismo. Neste ponto, o autor descortina que a intelectualidade pós-moderna tem sucumbido diante dos mesmos pressupostos intelectuais e religiosos que subsidiaram o fascismo. O autor assevera os perigos iminentes do retorno das premissas teóricas e pressupostos religiosos fascistas – sobretudo, sua oposição à transcendência – interagindo com a sua versão modificada e adaptada à intelectualidade pós-modernista.

No capítulo final, o autor discorre sobre o fascismo e o movimento de massa, observando sua associação com a emergente cultura popular. Nesse ponto, o poder das mídias eletrônicas aparece como um eficaz instrumento de disseminação da ideologia fascista, especialmente devido aos efeitos imediatos, manipulativos e emotivos que a imagem produz no ser humano. Além disto, o autor descortina a relação entre a consciência de massa e a disposição para a violência. Veith conclui o seu texto com um alerta acerca das reivindicações de uma nova era que favorece o surgimento de uma ética antitranscendental, que rejeita a revelação das Escrituras e a confessionalidade e, por conseguinte, abre espaço para a retomada dos ideais fascistas.

O sistema de pensamento fascista condena a liberdade humana, a moral objetiva e suprime as características próprias da racionalidade, dando lugar à manipulação psicológica. As crenças fascistas, ao rechaçarem a identidade individual, a moral, os valores, o transcendente e a objetividade, desaprovam o que as Escrituras verdadeiramente afirmam. Destarte, a desconstrução do humanismo ocidental, proposta do nacional-socialismo fascista, não criou e não criará uma cultura melhor ou um homem melhor. Em contrapartida, aparta de Deus tanto a cultura como o homem. Por isso, Veith conclama os cristãos a examinarem criticamente os elementos fascistas presentes na cultura moderna e a denunciarem seus efeitos danosos à humanidade. O fascismo não somente contesta o valor do ser humano, seus direitos, liberdade e racionalidade, como também é um inimigo da cosmovisão judeu-cristã; afinal, é um adversário que se levanta contra o cristianismo e seus valores transcendentais absolutos. A ideologia fascista, de fato, implica um movimento espiritual que ostenta uma postura religiosamente orientada contra o Deus revelado nas Escrituras.

A contribuição de Veith está na adequada e bem elaborada associação entre fascismo e religiosidade. Não há nada de *arreligioso* no mundo criado por Deus. Veith revela e descreve os rudimentos religiosos que subsidiam o

fascismo, incitando atitudes hostis contra Deus e sua criação, sobretudo desumanizando o homem, obliterando seus direitos e liberdade e depreciando os valores ético-morais bíblicos. Apesar do apelo à liberdade da vontade de escolha, o fascismo desemboca no determinismo, de modo que liberdade e individualidade tornam-se meras ilusões. Aliás, fascismo e marxismo têm muitos elementos em comum a despeito da troca de acusações entre ambos. Além disto, Veith corrobora para a compreensão da intrínseca relação entre as ideias e as crenças, entre um modelo teórico e a religiosidade do teórico. O fascismo não é apenas um sistema intelectual; antes, é um conjunto de crenças que direcionam o pensamento. Portanto, o livro é de grande relevância para a apreensão de que as ideias, carregadas de pressupostos religiosos, tornam-se poderosas e penetrantes, capazes de influenciar toda uma cultura – hábeis para enredar filósofos do calibre de Heidegger.

Veith ainda apresenta importantes contribuições para ampliar a análise bíblicamente orientada dos atuais movimentos sociais e identificar, a partir das Escrituras, os pressupostos religiosos que animam tais movimentos. Diante disto, é possível interpretar a atual cultura ocidental e sua supervalorização da diversidade e do pluralismo, favorecendo a formação de *grupos de interesse* dentro do multiculturalismo e depreciando a identidade pessoal em favor da identidade cultural. O autor, por fim, ratifica a necessidade de um exame dos pressupostos de origem e motivação religiosa que animam a atividade humana, inclusive no estabelecimento de um sistema sócio-político-econômico, como se dá com o fascismo moderno. Afinal, não há nada religiosamente neutro na atividade social e política, visto que todo labor teórico ou prático inclui uma orientação religiosa que, quando separada das Escrituras e da submissão a Cristo, gera cosmovisões apóstatas e rebeldes.

